LISBOA — QUARTA-FEIRA, 31 DE AGOSTO DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 126 — 10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor

JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas

RUA DO MUNDO, 116, 1.

Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

UMA PAGINA DE HISTORIA

O "Diario de Lisboa" e o sr. Machado Santos

A Rotunda num gabinete — O celebre pugilato — Socos no ar — Um vidro partido — A retirada do vencedor

O director do «Diario de Lisboa» foi passar quatro apetitosos dias á Figueira da Foz, em casa de um amigo seu que é ao mesmo tempo um dos notaveis advogados da capital. Tendo partido na sexta-feira passada, por lá se conservaria ainda na admiração duma praia amplissima, maravilhosa de luz, côr, movimento e ritmo, se obrigações imperiosas lho consentissem.

As espumas que as ondas tecem sobre as areias finas valeriam muito oiro, se êste pudesse comprar coisas tão belas como efémeras.

Infelizmente, as criações do mar não dão tempo a transacções: vivem um segundo e desaparecem para ceder o logar a outras que seguem o mesmo destino.

E' até por isto que êle tenta tantas ambições, inclusivé as dalgumas gentis banhistas, que, não tendo mais que pedir-lhe, se contentariam, se êle lhes desse, um noivo.

O director do «Diario de Lisboa», como homem que sabe, por ter lido Antonio Nobre, que o oceano usa umas lendarias barbas brancas — barbas côr de linho, diz o poeta — olhou-o como um velho cheio de experiencia e conselho, não receando pois preguntar-lhe, quase no tom das estancias dos «Lusiadas»:

—«Que pensas, ó Mar, de Portugal e dos portugueses?»

As suas palavras, que ecoaram largo e fundo, ficariam sem resposta, se uma impetuosa onda não corresse logo para os seus pés, turva e cheia de furor, quasi a querer arrastá-lo para as paragens mortais do paiz das algas e golfinhos. Vendo nisto um mau prenuncio, absteve-se de mais questões, limitando-se a sacudir a areia dos sapatos e a tomar celere o rápido para Lisboa.

* * *

Ontem, pelas onze horas da manhã, entrou na redacção do «Diario de Lisboa», onde foi posto ao facto da vida do jornal, durante a sua ausencia.

—«Não há, então, novidade de maior?» — inquiriu.

—Sómente o sr. Machado Santos se mostrou indignado com um artigo, meio sério, meio ironico, que saiu no numero de segunda-feira. Veiu cá a noite passada, furibundo, e disse que hoje, ás duas da tarde, em ponto, voltaria para castigar o atrevimento.

Lida a prosa que provocara a cólera do fundador das revoluções na Rotunda e outros sitios vulcanicos, notou que realmente havia nela qualquer coisa que destoava da forma leve e airosa das suas humoradas habituais.

—Melhor fôra não ter publicado isto, pelo menos sem lhe esbater bem certos tons crus... Se o sr. almirante possuir uma restea de espirito, tudo se arranjará, no entanto.

E logo se dispôz para o receber com todas as atenções, tanto mais que nunca lhe fizera mal. Lembrou-se até que, num tempo em que alguns jornais o agrediam sem piedade, êle, no jornal em que escrevia — «A Capital» — falou da sua pessoa com uma simpatia carinhosa que era tambem um protesto contra a ingratidão das turbas.

—Quem não deve, não teme!

Pegou da pena e começou a sua tarefa quotidiana. O trabalho amortece as impressões penosas. Foi assim que, a pouco e pouco, se esqueceu do sr. Machado Santos, a quem nunca fôra apresentado, mas que sabia que perdera a voz na Rotunda, no Cinco de Outubro, readquirindo-a, barbara e sem gramática, num jornal que dirigira — «O Intransigente» —, onde algumas vezes se publicaram horrores contra as primeiras figuras do regime.

* * *

Subitamente, avisam-no de que acabava de chegar o heroi da Republica.

O ar como que se fez pesado e a luz escureceu um pouco.

Avançou o director do «Diario de Lisboa» ao seu encontro. Notou imediatamente que não correspondia aos seus cumprimentos.

—Que terá tamanho homem para trazer tamanha cara?

Entrados os dois num confortavel gabinete, propicio a longas expansões, era natural que rompesse o silencio o sr. almirante. Isso sim! Enigmatico, sombrio, desgracioso, o rosto carregado de nuvens e procelas, magro como uma vitima da sua grandeza, mantinha-se inabordavel. Parecia um penhasco que demorava em tornar-se eloquente. Era a onda da Figueira feita coluna de pavor.

—«Calculo que v. ex.ª vem por causa de um artigo que o «Diario» publicou sobre uma pseudo-aventura da sua existencia cortada de relampagos e trovões.

—Sim, senhor, é isso mesmo. Trataram-me como eu não merecia. Reclamo uma satisfação rápida. Quero que no numero de hoje sáia isto. (E entregou-lhe dois pequenos quartos de papel que reproduzimos em fotogravura).

Leu o director do «Diario» o estranho documento em que o sr. Machado Santos se chama a si proprio ilustre homem de Estado e exigia do jornalista uma submissão quase cafreal. Ponderou-lhe que melhor seria não ceder á ira e ver as coisas serenamente. Disse-lhe que falara já com o redactor que escrevera o artigo em questão e que êste lhe explicara qual o seu pensamento que não envolvia sombra de desprimor.

—Para mostrar a v. ex.ª que desejo ser atencioso comsigo, eu proprio me encarrego de escrever um outro artigo em que, com certa elegancia, reporei a sua pessoa no mesmo estado em que se achava, antes de se exaltar.

—Não admito outra solução senão esta — dar publicidade ao que trago neste papel. Tudo o mais é malhar em ferro frio.

—V. ex.ª coloca-me na situação de o não poder atender, embora muito me pese.

Primeiro, porque não admito que, nesta casa, se me dirijam com o terrivel metal de voz adoptado por v. ex.ª.

Segundo, porque não quero expôr v. ex.ª ao ridiculo que resultará da publicação do escrito que me apresenta.

A imprensa não é impecavel, mas por isso mesmo não sofre que a tratem com voz e modos de caserna. Reconhece os seus erros, logo que apontados por quem tenha competencia e maneiras para isso. Acresce que desejo chamar o redactor que o irritou, para que nós os três estudemos bem êste assunto bicudo.

—Não quero conversas com qualquer jornalista. Eu, vindo aqui, concedo-lhe já uma grande honra!

—Realmente, eu não me sinto deshonrado...

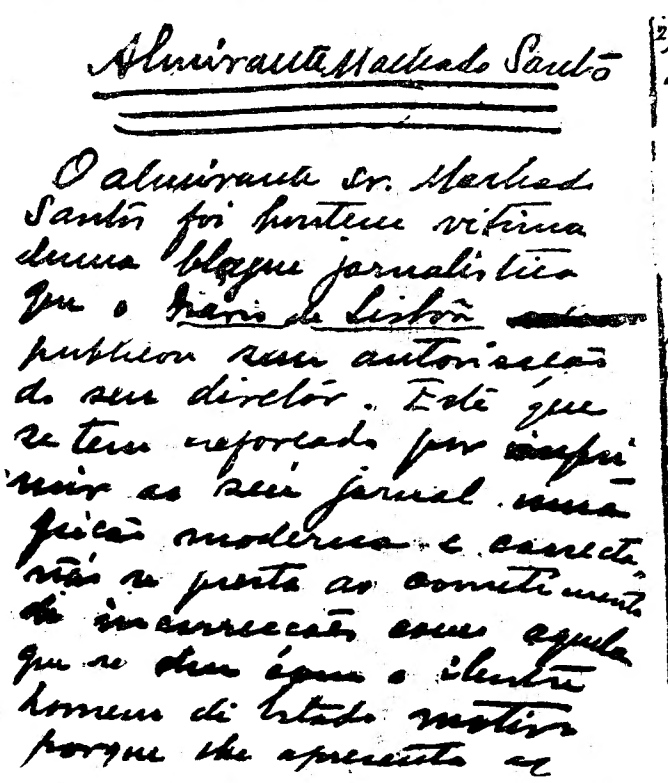
—Recusa-se, pois, a fazer aquilo que lhe exigi?

—Sem duvida. Não há fôrças humanas que me obriguem a tomar uma atitude que a minha consciencia desaprova.

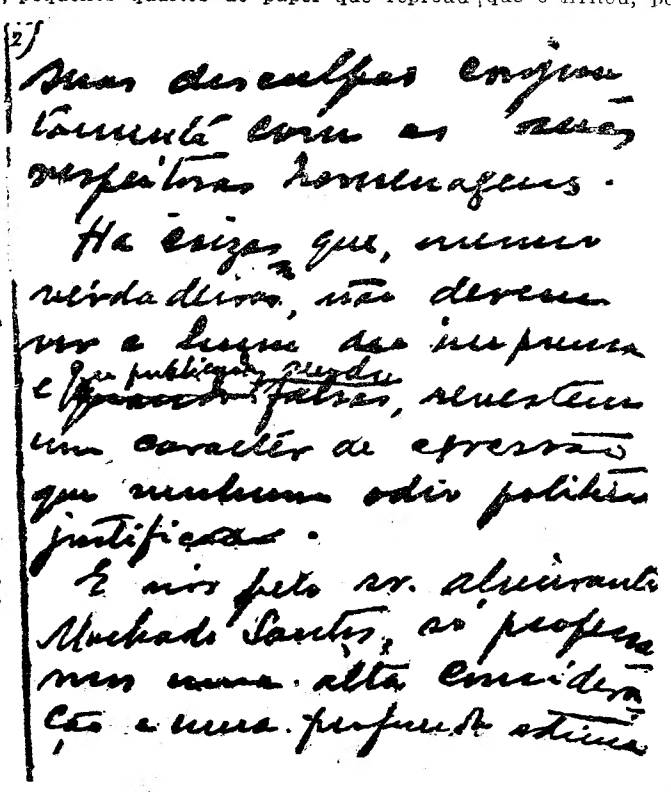
* * *

Nesta altura, o sr. Machado Santos lança-se sobre o director do «Diario de Lisboa», prendendo-lhe as mãos pelas costas. Era um ataque menos que de almirante. Protesta o preso contra a violencia com nomes atrevidos e feios. Dão-se golpes, dos dois lados, medonhos e forçosos.

Os contendores agitam-se, em torno de uma mesa. Estala uma cobertura de vidro que protegia esta, quando um aparelho telefonico, trabalhosamente apanhado, avançava sobre a cabeça implume do extraordinario agressor. Intervem gente, muita gente. Não há feridas nem galos na testa. Como sempre, o sr. Machado Santos saiu vencedor, com a certeza de haver socado o director do «Diario» — certeza que não fica a dever nada áquela que o acredita como fundador da Republica.


Almirante Machado Santos

O almirante sr. Machado Santos foi hontem vitima duma blague jornalistica que o Diario de Lisboa publicou sem autorisação do seu director. Este que se tem reforçado por impedir ao seu jornal uma feição moderna e correcta não se presta ao comentario de incorrecções como aquela que se deu ápos o silencio homem de Estado mostrou porque lhe apresentou as


Bem desculpas exijo — tornará com as suas respeitosas homenagens.

Ha exigir que, mesmo verdadeiros, não devessem ver a luz das imprensa e que publicados pudesse [illegible] um caracter de expressão que nenhum codigo politico justifica.

E nisto feito sr. almirante Machado Santos, as profissões uma alta consideração e uma perfeita estima

AS NOSSAS ESTRADAS

E' INDISPENSAVEL CRIAR UMA ENTIDADE AUTONOMA QUE SUPERINTENDA NA SUA CONSERVAÇÃO LIVRANDO-AS DA BUROCRACIA MINISTERIAL

O CONTRASTE ENTRE AS NOSSAS VIAS DE COMUNICAÇÃO E AS ESTRANGEIRAS

Voltamos a retesar o bordão, tanto mais, que a situação politica tendo baralhado para tornar a dar, mostra que os ministros, sucedendo-se com espantosa rapidez, têm necessidade que seja repisado êste tema. Com a queda do governo é possivel que as propostas financeiras—e aqui só me interessa aquela que afectaria, matando-o, o uso do automovel—fiquem, como tantas outras, de nulo efeito.

Continuaremos caminhando para êsse pôço sem fundo, onde mais tarde todos nos inclinaremos na pretensa descoberta da nossa nacionalidade, pois não há maneira de governar um povo quando não existe continuidade na obra governativa. E, desaparecendo no alçapão da inveja, da inepcia, do mal fazer, ou ainda da divergencia de vistas, essas propostas em estudo, certamente com elas morre aquela que tão a fundo, sem compensações, vinha sobrecarregar quem por necessidade comercial, industrial, particular ou publica, usava o automovel. Não nos alegra o facto, embora pela desorientação com que foi apresentada tivesse uma justa morte. Mas não nos agrada, porque assim, sem olharmos para o futuro, sem aplicar meios energicos que paralizem a destruição das nossas estradas, estamos absolutamente condenados a da mesma forma nos não servirmos dos automoveis.

O automovel não é só para os ricos

E é a isto que é preciso pôr dique! O automovel não foi fabricado apenas para uso dos ricos e para demonstrar á gente de poucos haveres que entes felizes juntam a muitas a «comodidade» do seu emprêgo.

Tendo em vista a aplicação de um meio prático para resolver depressa negocios, o auto vem tambem, parecendo que não, facilitar beneficios colectivos. Precisa, por isso, que o olhem como uma fôrça que é e não como um instrumento de gôzo que se sobrecarrega violentamente para ser posto de parte! O governo — que é o representante de todos nós — tem a restrita obrigação de ver bem esta verdade e não pode, sem praticar uma injustiça, sobrecarregar de pesadas contribuições a sua aplicação, negando-lhe todos os meios para ser utilizado.

E a proposta Barros Queiroz não visava outra coisa!

A criação de uma entidade autonoma que superintenda na conservação das estradas, livrando estas da burocracia ministerial, onde a politica se alapardou e de onde nunca sae senão para fazer mal, impõe-se. Que o não vejam os ministros que sobem áqueles logares pela dependencia de toda a gente e, por isso, com compromissos a que não podem faltar, embora para os satisfazer sacrifiquem a ventura do povo, compreende-se. Mas que se não diga, a fim de abrir os olhos, é que não se desculpa.

Não quero ser convente nesse silencio e volto a chamar a atenção para o grave problema das estradas com a correlativa urgencia de concerto.

A obra da Manutenção Militar

Sem pretender fazer referencias elogiosas á obra colossal da Manutenção Militar, que já chamei a capitulo para estabelecer um ponto de partida, justo é lembrar como aquele organismo militar trabalha, tendo conseguido, devido á sua organização, realizar uma gigantesca obra.

A engenharia militar poderia tambem dotar o paiz com organização semelhante e daqui a pouco tempo todos os meios de ligação que aí temos completamente arruinados, mostrariam como se patenteia rapida a faculdade trabalhadora de um povo, que os governos — só os governos — reduziram a êsse estado de inercia para aí vivente.

A construção de uma fábrica de brita, num ponto como o já indicado, ou noutro parecido que para o fim dava igual resultado, não é obra de importantissimo dispendio. Perto da linha ferrea, com ramal proprio descongestionando para as linhas da C. P., essa fábrica em pouco tempo montada começaria fabricando por um preço infimo a brita necessaria para todas as reparações, com a vantagem, por toda a gente assimilavel, de dar ás estradas do paiz uma uniforme qualidade muito para ponderar. A questão está toda em que a pedra escolhida fosse boa, rija e igual. Estabelecido êsse preço infimo por vagão de pedra, combinando com a C. P. uma tarifa especial, em pouco tempo o capital empregado daria ao Estado o beneficio respectivo, quer em economia de ocasião, quer na que lhe provêm dos continuos concertos, que custando rios de dinheiro, atamancam — é o termo — e nada valem.

E se com a America estabelecermos a projectada fonte de... beneficios, depressa o maquinismo aí está no Tejo pronto a ser montado.

A fabrica de brita

Como já escrevi, a fábrica de brita que encontrei em qualquer dos paizes atravessados, quando da minha viagem á capital italiana—15:000 quilómetros aproximadamente em automovel—era duma grande simplicidade. Uns altos e resistentes pilares em cima dos quaes, em estrados de cimento armado ou pedra, que não esmiucei bem, as possantes máquinas colocadas. A pedra vinda em vagonetas da montanha ligada, era atirada para dentro dos britadores, que imediatamente a remetiam para uma larga brecha, por baixo da qual, nos vagons é carregada.

Como vêem, quási instantaneamente os grossos blócos se transformavam em pequeninos pedaços. Os vagons alinhavam-se e... a rotação continuava.

O que tornará este serviço caro? As descargas e condução para o ponto de aplicação? Talvez, sim, mas ainda neste caso temos que a pedra antes de britada sofre a mesma despeza. Mas emfim, são casos a estudar e sem esse estudo nada se fará.

Pensem nisso aqueles que nos governam.

Uma estrada italiana

Entre Bolonha e Milão, atravessando Modena, Reggio, Parma, encontra aquele que visitar, como o fiz, em automovel, aquele lindo paiz, mua estrada larga, ampla, liza, macia com perto de 220 quilómetros quási em linha recta. São deliciosos momentos aqueles, os que se passam ouvindo o rodopiar continuo dos cubos das rodas, num cantico alegre, sem estremeções, serenos, poupando as borrachas, não esmigalhando o fisico, aproximando as distancias. Se os nossos ministros pudessem ter as sensações de beleza que o viajar assim empresta ao espirito, tenho a certeza que iriam menos coacto para as cadeiras da governação e trabalhariam pra fazer deste paiz um paraizo, onde o «touriste» viesse gozar mezes, deixando o seu dinheiro e a sua civilização. Mas se nós temos homens de Estado que do seu cargo só conhecem o nome e se consideram aptos para mudar de pasta como se muda de camisa!...

Alvaro Neto

UMA QUESTÃO LITERARIA

EDMOND DE GONCOURT, DO CEMITERIO DOS CAMPOS ELISIOS, ENVIA UMA LONGA E IRONICA CARTA AO DIRECTOR DO JORNAL DOS ARTISTAS

ALGUMAS REFERENCIAS A FIERRE BENOIT, A ZOLA, A MAUPASSANT, A DAUDET E OUTROS

Os Goncourt! Eles são em Paris, sobretudo, o assunto de todas as conversas, o objecto de todas as curiosidades.

Ha outro assunto que chama tambem as atenções e que é considarado pelos sabios o maior acontecimento do seculo: a teoria da relatividade de Einstein que durará de aqui a milhares de anos, quando os mais belos monumentos forem ruinas e os ossos calcinados dos presentes tiverem tornado ao pó. Mas este é um assunto muito profundo para as multidões e a sua compreensão exige uma iniciação e uma atmosfera de seriedade que não reina nos salões de amena cavaqueira, nem nos cafés onde as questões que mais celebridade adquirem são as que levam ponta de escandalo e promessa de descobrir a cama do visinho.

Goncourt oferece-lhes tudo isso; as memorias não se publicam porque conteem referencias que podem magoar o amor proprio dos viventes. Que mais seria preciso para excitar a curiosidade da multidão?

As memorias porém teem outros atractivo: o de dar aos que o discutem com o interesse de quem espera em breve ver o proximo ferido na vaidade com grande satisfação da propria, a suprema vaidade de se darem ares, falando de uma obra literaria, cuja primeira parte foi a escola do estilo literario moderno.

Que satisfação, que alegria a de todos os basbaques elegantes ao falarem do sucesso dos Goncourt, ao chá, nas corridas, no Bois, em toda a parte! As anecdotas, as invenções que correm por conta dos Goncourt são inacreditaveis. Ah! se o Goncourt estivesse vivo! Ele lhes ensinaria, com mais umas cronicas a capricho, como é que se castiga a satisfação de fazer figura pondo na moda os comentarios dum orgulhoso que hão de ferir o proximo. Seria preciso porém, para os castigar a todos, que Edmundo de Goncourt puzesse por extenso, com data, filiação e logar de nascimento, o nome de todos, de todos os frequentadores de cafés e salões elegantes, para que vissem bem que era a todos eles que se dirigia. Esta multidão de curiosos é tão estupida que só assim compreendiria que a referencia era feita a todos e a cada um. No caso contrario continuariam rindo dos sarcasmos e das injurias, com a satisfação de quem ri do mal do vizinho...

Ah! O Goncourt! ele bem promete o que faria se cá voltasse. Dos Campos Elisios, a mansão dos mortos, enviou esta carta ao director do jornal dos artistas:

Campos Elisios, 23 de agosto de 1921.

Senhor director:

Sempre cuidei que a qualidade de morto conferia a tranquilidade: que erro! Sou assassinado pela imprensa! Apunhalam-me, tornam a matar-me diariamente! Ninguem me deixa em paz! Até esse impertinente Pedro Benoit publica um diario apócrifo em que me maltrata rudemente.

Mas, Deus do Céu! publiquem as minhas memorias! Que importa que elas esfolem alguns vivos e desenterrem alguns mortos! Sinto que fui sincero até na maledicencia. E do céu, onde estou á direita de Deus, pude ver que as opiniões que eu exprimia em segredo, acêrca dos meus contemporaneos, não eram piores que as que eles tinham por mim. A minha grande tolice foi de as escrever quando me podia ter contentado em dizê-las! Infelizmente não pode pensar-se em tudo!

Decerto que tive muito mais consideração por mim e infinitamente menos pelos meus colegas. Mas se tivessem podido ver como eles faziam mal á vista e conhecido a baixesa dos intuitos deles! Nem uma unica preocupação pura! Só ambição e desejo de ganho e de sucesso! Ah! os sapos! os sapo-! Babando em cima de todas as coisas, sobre as pessoas e as obras, como não os julgar, não os estigmatizar traçando no papel as linhas dos seus caracteres na solidão da consciencia, quando se escreve para a posteridade! No meu logar quem teria procedido de outra forma?

Eu arranhei-os, com certeza; mas devia tê-los despido moralmente e enchido de açoites publicamente, para edificação das gerações futuras! Flaubelt, que não tinha a minha indulgencia, teria procedido assim! Ainda me pregunto porque é que o não fiz!

Se eu não fosse o hospede de uma mansão de bemaventurados, reporia as minhas memorias no tear. E veriam então com que pena viva e contente eu manejaria a chibata! Então é que podiam temer-me! E que verdades eu revelaria, e que tripas eu esvasiaria, a começar pelos dez discipulos que me comprometem a memoria! Pobre Gustavo, pobre Leão, pobre Henry, pobres outros!

Eu já era pacifico em vida; agora, nas esferas imortais—que de todos os meus contemporaneos só eu atingi—ainda o sou mais.

Fico por aqui. Chamam-me na sala. E' o Zolazinho que vem ver-me. Como elle é pequeno, coitado! Vem acompanhado pelo Maupassant. Vou dar-lhes alguns conselhos. Além disso, tenho o projecto de crear aqui um celeiro.

Reunirei alguns rapazes que me estimam, Daudet, Huysmans, Scholl e mais alguns, e ensinar-lhes-hei como é que se escreve. Serão os nossos trabalhos o que será para eles duma grande vantagem. Já comecei a experiencia em Raul Alexis e deu excelentes resultados.

Peço desculpa de levar tanto tempo. Se por acaso encontrar Léard que se deixou estupidamente internar no Nacional, digalhe que faça publicar as minhas memorias. Mesmo que façam um certo barulho não faz mal. Aqui os barulhos só chegam com a pureza do incenso. Gosto de incenso, bem o sabes, e aqui não o tenho.

Acredite, senhor director que serei sempre sensivel aos testemunhos de admiração que quizer prestar-me.

Edmundo de Goncourt.

Com efeito! que se pode acrescentar a esta carta vinda do outro mundo? Acaba-se por acreditar que realmente o aparelho de comunicação com os espiritos do Edison deu resultado!

PIQUETE NOCTURNO DE ELECTRICISTAS
CHAMADAS URGENTES
Sucursal de «O SECULO» (Rocio)
Telefon e, 2:429 C. Pessoal da CASA RUB

Santos Amaral, Limitada
IMPORTADORES-EXPORTADORES
Escritorios:
RUA DE S. JULIÃO, 100
Armazem de vendas
RUA DA PALMA, 225-229
Oficina Eletrotecnica
RUA DE S.TA BARBARA, T. M. V.
Teleg.: SAMARAL | Telef.: (C. 952-Escritorio (C. 1.580-Armazem
SECÇÃO INDUSTRIAL
CONSERVAS DE PEIXE
Fabricas em:
Matosinhos, Nazaré, Cascais, Setubal, Lagos e Peniche
Secção de Importação e Exportação
Cereais, Cacau, Café, Cortiça e Azeite —Folha de Flandres, Estanho, Chumbo e Arco de ferro—Aduela de Castanho italiano
SECÇÃO TECNICA
Maquinas e acessorios para todas as Industrias
Tornos revolvers, Serras de fita, Cravadeiras, Limadores, Postos para soldadura autogenia, Difrenciais de parafuso sem fim e de engrenagem, Electricos, Dinamos, etc.
Material electrico, Lampadas «Philips», Candieiros, Tubo Bergman, Fios, Porcelanas
Instalações de Força Motriz e luz
Descontos aos revendedores
Oficina especial para reparações de aparelhos electrotecnicos, Enrolamentos.
Materias primas, Oleos, Massas lubrificantes, Correias para transmissão, Tintas de esmalte e vernizes «E'clantin».
Aços especiais para ferramentas.
Consultas tecnicas, Instalações fabris, Orçamentos

ARTE & LETRAS

DEAMBULAÇÕES

LINHA DE CASCAIS

Pelas ventaneiras dos dias antecedentes, houve quem julgasse que, no dia 24, o diabo poria, este ano, em liberdade todos os diabinhos, diabretes e demónicos que lá tem.

As sáias, que nas vésperas rodopiaram possessas, já se dipunham á sarabanda vertiginosa.

Afinal, o S. Bartolomeu amanheceu calmo como um lago, quási sem briza.

Farto de andar á solta adeantadamente, o diabo limitou-se a bafejar ao de leve o mercurio dos termómetros.

Subiu a temperatura, que se outonalisara, mas as sáias estiveram calmas, e uma certa magrizela poude passear no Estoril, á orla do mar, com a sua bengala que parece preguntar:

—Qual de nós duas é mais delgada?

* * *

F. descobriu que semelhante bengalinha serve para conter em respeito os muitos ossos da dona, que, sem essa ameaça, se desconjuntariam em plena praia.

* * *

S. é de opinião que ela e a *badine* são dois palitos a escabicharem na areia algum pedacinho de gordura.

* * *

Os homens desiludidos deitam-se ao mar. Os barcos cansados atiram-se para a terra.

Tem o ar desesperado dum suicidio esse acaso dum vapôr que se enterra na areia, tão fortemente, que não há cabos nem marés que o arranquem de lá.

O *Patela* deve ser um navio neurasténico, roído pelo tédio de navegar.

Num belo dia azul, aproou a Cabo Raso, e decidiu acabar ali.

Nem temporal havia, para disfarçar as suas intenções navicidas. Um simples nevoeiro lhe bastou como pretexto.

Com os melancólicos chinezes da sua tripulação, escolheu o esplendor vernal da Costa de Safira para morrer aos poucos.

E' um fraco o *Patela*. Os barcos, como os homens de acção, devem sucumbir na tempestade.

* * *

Está sendo o assunto obrigado da Linha de Cascaes a incerteza do destino do *Patela*.

Uma franceza de Cae-Agua, cultora do calemburgo, acha que *c'est pantelant!*

«Gundinhas» já não toma banho, com receio de vir do mar a cheirar a petróleo.

Madame Vidraça, a prudencia em pessoa, nunca mais comprou peixe, porque se póde incendiar ao lume...

* * *

Não deixa de ser trágico o caso do *Patela* e da sua tripulação amarela, que, depois de salva num cabo de «vae-vem», torna espontaneamente para bordo do desenganado navio, como que esperançada num milagre.

Há a nota bem portugueza do comandante do salva-vida de Cascaes ter a alcunha do «Minh'alma», nome que parece um grito de náufrago.

Há a nota positiva dos bombeiros estarem agora por conta dos tripulantes. Visto que, livres de perigo, preferiam o casco ameaçado do *Patela* á segurança da terra firme; é muito justo que paguem aos dedicados assistentes.

Há ainda a nota toda ibseniana do pato bravo, apanhado pelos bombeiros e baptisado com o nome de *Quarteleiro*, que veiu dar ao encalhe do *Patela* o cunho de peça simbólica.

Foi o alcool a perdição desse pato bravo e borrachão. Morreu dum gôlo de aguardente, e está a empalhar em Lisboa, para memória.

* * *

A moreninha das três pulseiras vae no seu quarto vestido: tunica de «esponja» amarelo torrado, e, como chapeu, uma grande corola alaranjada.

Canela e laranja! Deve ser bom.

* * *

Os três petizes desse meu amigo diferem no feitio. O mais velho é sentimental, ao passo que o do meio é materialão.

Um dia viram um guarda da linha de Cascaes ficar debaixo do comboio. O primeiro afligiu-se. O segundo observou toda a scena muito a frio.

E, ao voltarem para casa, interrogava, preocupado:

—A quem deixaria o homem a corneta?

* * *

Clara no nome, que alumia, tem a pele muito branca, mas anda tão queimada do ar da praia, que só póde mostrar que não está toda morena, quando, ao descalçar-se sob o toldo, finge, indiscreta, cobrir pudicamente os joelhos alvos.

* * *

Misses Book continua a lêr, de manhã, ao meio-dia, á tardinha, com grave risco de arranjar calos nos olhos.

Deve lêr a dormir e no banho.

Esquece-se de que é uma mulher bonita. Lembra uma traça deleitada a roer papel.

Sem Benelli, que, este, provavelmente ela nunca leu, fez o elogio da traça.

«A's vezes, atreve-se a sair do seu mundo; mas a luz do sol, que, por um instante, a doura como uma joiasinha animada, depressa a fere: e ela reentra nos sonhos, pequena existencia escondida, suave, só possivel ao calor dos sonhos...»

Será esse o destino de Misses Book? Duvido muito.

As traças não usam pérolas como as suas.

* * *

Projectam, segundo ouvi, um concurso de beleza no Estoril.

Parecia-me preferivel um desafio entre as mais queimadas, para apurar as que menos temem o sol, e melhor cumprem, portanto, o seu dever de praisas.

Um concurso, original, de «torradinhas».

* * *

A praia representa o triunfo das morenas, que o sol parece amar, porque, tostando as louras, se esforça por as egualar a todas na côr.

Por isso, não há quem veja antes do pôr-do-sol uma certa beldade estorilense, a quem já ouvi chamar, á moda japoneza, a Senhora Boquinha da Noite.

* * *

Tem lido e ouvido que o sol faz milagres.

A' hora meridiana em que a praia é mais deserta, arranja um lugar isolado e descoberto.

Senta-se, oculta-se por deante com a sombrinha, e, alargando pouco a pouco o decote da blusa, expõe o colo á luz violenta.

Fraqueza pulmonar? Ou desejo ingénuo de que o sol de Fructidor lhe avolume o peito razo?

Com a sua pronuncia um pouco do norte, a donzela do perfil eloquente deixa as guitarras a perder de vista.

Na sua voz, há flexiveis cordas, e lamentos mais harmoniosos que os do «choradinho».

Não sei se canta, nem precisa, pois arranjou um modo todo seu de recitar á noite, quando o silencio reina, as lindas quadras em que o povo é fertil.

Toda a tristeza, toda a malicia, do cancioneiro popular brinca e chora na sua bôca de privilegiado instrumento.

Traz dentro dela a alma do povo em redondilhas.

E' rica a sua memória e misericordiosa a sua paciencia.

Desta quadra da deliciosa *Joaninha*, de Julio Brandão, faz ela todo um poema:

Mas cautela, Joaninha,
Abre a porta de mansinho,
Se não fala-se na aldeia,
—«Agua leva o regadinho»...

Sabendo que ele sobre todas a estimava, tive desejos de ir acordar Cesário Verde aos Prazeres, para ouvi-la dizer a quadra sua predilecta:

E' um regalo na vida
A' beira d'água morar;
Quem tem sêde vae beber,
Quem tem calma vae nadar...

Como a maioria tem empregos e prisões em Lisboa, os rapazes escasseiam na Linha de Cascaes.

Queixam-se da falta as que não têm namôro efectivo, e se vêem obrigadas a «fox-trotar» umas com as outras, para se não deshabituarem de dançar.

Uma destas escrevia a uma amiga, que ficou nas termas de Almirante Reis:

—Aqui continua a sentir-se a guerra. Não há homens...

Manoel de Sousa P

LUDOVICE, LIMITADA
Rua da Madalena 36, 2.º
TEL. C. 3379
Secção fiscal
Contribuições
Serviços fisca's
e Administrativos

N.º 9 — Folhetim do DIARIO DE LISBOA — 31-8-921

OS BELOS DIAS DE OUTUBRO

por LUCIE FAURE FAVRIER

II

Os dois homens tiveram que agarrar no veado pelas patas, a fim de o levarem para o alpendre. Lisa teve a sensação do esfôrço que realisavam ao mesmo tempo que um cheiro violento entrava pelas frinchas da porta: um cheiro de animal bravio e entranhas remexidas, cheiro nauseabundo que a fez meter o nariz no pêlo do «Delicado».

Depois, durante muito tempo, só ouviu ruidos surdos: uma serra que rangia e dois outros golpes de machado...

De repente, ouviam-se as vozes dos cães ladrando, acompanhadas por vibrantes chicotadas e pragas do caçador. E não se ouviu mais nada sob o tecto do alpendre senão o rosnar dos cães, cortado de vez em quando pelos gritos agudos que o chicote fazia ensurdecer imediatamente.

Lisa compreendeu que se tratava da divisão dos restos.

Os dois homens, agora, iam e vinham do celeiro para a carripana e a pequena pensou que o grande animal de há pouco se achava reduzido a bocados de carne e entranhas cortadas. Subito, a voz de Domer ressoou na cozinha.

—Os chifres são para mim, dizia. E' já a sexta cabeça. E esta é preciosa, porque tem catorze esgalhos, parecendo um candelabro.

Os dois homens beberam outro copo de vinho.

—A' sua saude! Aqui tem o dinheiro. Trezentos francos.

Lisa percebeu o roçar das notas e o som das moedas.

—Não é caro!

—A caminho! cortou Boufron.

E ia subindo para a carripana.

* * *

Domer empurrou a porta do quarto.

Agora nós!

A sua voz retomara a sua aspereza habitual. No rosto mostrava uma expressão agreste, como se a tarefa sangrenta a que se entregara lhe restituisse a sua verdadeira indole.

Lisa ousou preguntar-lhe:

—Para onde me leva?

—O mais simples, evidentemente, seria levar-te ao hotel onde se encontra a tua mãe. Não o faço, por causa da reputação de que gozo cá no sitio. Deus sabe o que não diriam! Emfim, basta! Sei o que faço. Quanto a ti, se realmente me és um pouco afeiçoada, como dizes, nunca dirás onde passaste a noite. Em compensação, prometo-te insistir com a tua mãe para que te não castigue. Vamos, pega no teu cão e no guarda-chuva. Vou levar-te á floresta, onde ficarás debaixo duma rocha bem abrigada. Não corres perigo. Deixa-te lá estar, até que dêem comtigo. Eu dirigirei a batida, mas Dominó é que te há de farejar e descobrir. Dá cá o teu lenço.

A pequena assim fez, banhada em lágrimas.

V

Caminhavam silenciosos, na meia luz da manhã. A floresta parece algodoada pela bruma do outono. Avançavam através de urses cobertas de geada muito branca. Umas vezes escolhiam as hervas onde os passos não deixam vestigios, outras vezes o caçador ordenava á criança que caminhasse sózinha pelo meio da estrada e firmasse com fôrça os pésinhos na terra humida, para deixar bem impressas as pégadas, emquanto êle, com o perdigueiro bem prêso, rompia pelos fetos, a passo largo.

Assim chegaram á garganta de Néfliers. Estava literalmente deserta. Ninguem viu o celebre caçador trepando pela colina de Apremont, curvado até ao chão como um ladrão, que puchava a criança para um rochedo abobadado, em forma de caverna.

—Não tenhas medo, disse-lhe êle, ao poisá-la no chão. O sitio é sossegado. Não [illegible] qualquer perigo. Os animais não p[illegible] por aqui.

[illegible] a arrancar algumas braçadas de fetos sêcos, fazendo com êles uma ca[illegible]ha

(Continua).

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Perfis

Fui a uma tenda nova, smart *e aristocratica comprar um frasco de perfume. Foi lá que os vi a todos.*

Aquela rapariga loira e esguia parece ser muito coquette. *Tem pelo menos três* flirts.

Afinal não é nada disso.

O ano passado não era esguia nem loira e mesmo este ano não é por coquetterie *que ela* flirta *tanto. Um dos* flirts *é—como direi?—o efectivo, os outros dois são suplementares, porque o efectivo vai para Lisboa todas as semanas e é preciso que a gente tenha com quem se divertir, das segundas aos sabados, e a rapariga há pouco loira e esguia e pouco* coquette *não joga nada, e não se interessa por assunto de que se possa fazer conversa—porque afinal a má lingua não se exgota.*

* * *

Nunca vi rapaz que se achasse tão bonito como aquele rapaz de hombros largos que va á praia com umas calças brancas imaculadas, imaculados sapatos brancos e meias brancas com bague.tes *pretas.*

Ele efectivamente não é feio, mas uma pessoa perde-se na contemplação do que ele seria, se fôsse aquilo que imagina ser. Se ele fôsse mais alto e dançasse mais simplesmente, talvez as raparigas lhe dessem sorte.

* * *

São ambas da mesma idade—uma é nova e a outra velha. A velha, depois de uma subtracção, diz quantos anos tem e diz os anos que as outras têm, creio que sem chegar a fazer uma conta de multiplicar. A nova nunca fala em idades, estou mesmo certa que se ela tivesse a infelicidade de envelhecer faria como certa senhora que tão bem caracterizada andava que nunca passou dos 45 anos e que não casou segunda vez para não ter que tirar certidão de idade.

* * *

Os dois manos vieram há pouco do estrangeiro e foram educados lá fóra e tão bem educados ficaram que já não sabem falar português—falam das grandes potencias, como se as tivessem namorado em pequeninas e ingenuamente comem figos com garfo e faca.

* * *

Quando eu saí de tarde, uma criadita conversava com um dos caixeiros. A sua patrôa gastára sempre da tenda que fôra dela, antes dele se ter aliado á aristocracia.

—Então a sua patrôa não quere mudar de tenda?

—Não, ela não se muda para esta.

—Ah! então se calhar é que está mal com os parentes.

Maria Sofia de Santo Tyrso.

GRANDE VARIEDADE DE Bilhetes, fracções e cautelas para todas as LOTERIAS

GAMA

Fornece para revender

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais $15 para registo

Telefone: 1:020 — CENTRAL

Pedidos a

F. SILVA GAMA

R. do Amparo, 51—LISBOA

D. Antonio Barroso

Passa hoje mais um aniversário da morte de D. António Barroso, que foi bispo do Porto e um dos mais scintilantes espiritos da Egreja portugueza. D. António Barroso que se distinguiu como prelado ilustre não menos afirmou tambem as suas notaveis qualidades de educador durante o longo tempo que colaborou na obra das nossas missões em Africa.

O *Diário de Lisboa* não quiz deixar de recordar o nome do venerando prelado, na data funebre que hoje passa.

NO MUNDO CATOLICO

A SANTA SÉ AMEAÇOU DE EXCOMUNHÃO OS JORNAIS MONARQUICOS QUE ATACAM O CENTRO CATOLICO?

DUAS FRASES DE MONSENHOR LOCATELLI AO "DIARIO DE LISBOA" NA NUNCIATURA — AS DIFICULDADES DO JORNALISTA — O NUNCIO APOSTOLICO CONVERSA D MORADAMENTE COM O ARCEBISPO DE METILENE—O QUE SE PASSOU NESSA CONFERENCIA?

E' no velho solar da condessa de Camaride, solar antigo rodeado de araucarias, que está instalada a Nunciatura. O jornalista sabia muito bem que era impossivel dar aos seus colegas da manhã uma reportagem *à sensation*. No entanto, uma frase, uma expressão fisionómica de monsenhor Locatelli era o bastante para explicar uma pequena local do *Seculo* da noite de anteontem. Dizia-se nessa local... Mas, na entrevista que tu, leitor, vaes lêr, encontrarás detalhadamente explicado o assunto de que se trata.

Atravessámos o portão branco, do palácio de Camaride. Uma porta aberta, um famulo que se apresenta de batina e volta e surge o primeiro obstáculo.

—Impossivel! Monsenhor está conferenciando com o sr. arcebispo de Metilene.

—Pois sim! Nós esperamos.

O famulo compreendeu que não desistiamos de falar com monsenhor Locatelli. Por isso acrescentou:

—O melhor é bater. Talvez o atendam.

Outra porta. Um creado indumentado de cosinheiro o mais suavemente possivel, explica-nos que monsenhor não póde receber.

—Já sei, contestámos, está falando com o sr. arcebispo. Esperamos.

—Ah! O senhor sabe? Então entre...

No primeiro andar do palácio:

A primeira sala é toda vermelha, dum vermelho de sangue liquido no tapete; brocado vermelho nos reposteiros; vermelho ainda, quási negro, nos sofás. Há um pouco de misterio. Nas paredes não se vê um santo, uma pintura. Só a fotografia da condessa de Camaride, um pouco dourada pelo tempo, um pouco descuidada de carinhos, tem um ar de tristeza irrevogavel. A primeira sala comunica com outra, por duas arcarias baixas. Quem a olha tem a mesma sensação de misterio inquietante. Tudo vermelho; na parede da direita um baldaquino; ao fundo, Bento XV, pintado vivamente, é uma figura régia, dominadora. Aqueles aposentos representam a parte politica, a parte diplomática da Egreja. O espirito cristão está muito longe dali, talvez escondido n'alguma capelinha longinqua, situada em terras de Portugal.

Os nossos passos rijos atemorizam o creado, perdão, do cosinheiro.

—Esconda-se aqui! Monsenhor Locatelli está falando naquela sala com o sr. arcebispo.

O creado saiu. O mais inocentemente possivel apróximámo-nos da sala onde se realizava a conferencia. Não vimos ninguem. Uma voz áspera, de palavras francezas e espanholas, com certa entoação italiana, respondia a outra genuinamente portugueza. Aproximámo-nos mais. A conversa caiu; houve um murmurio imperceptivel, quási em segredo. O nosso cartão devia ter chegado naquele instante ás mãos de monsenhor Locatelli.

—Gente dos jornaes! ter-se-ia dito com receio.

E por isso a conversa apagara-se. Esperámos ainda alguns instantes. Aquela nota do *Seculo*, começámos pensando, era com certeza o assunto da conferencia. O que diria o arcebispo?

—Cautela! muita cautela! Ele vem para saber o que há...

Por detraz de nós, sentimos passos. Um padre, em francez, notificou-nos que monsenhor em breve nos atendia.

—Ele fala portuguez?

—Fala, sim! Sente-se, faça favor.

Saiu. Dois minutos ainda de espera Monsenhor Locatelli, de batina negra, e o arcebispo de Metilene atravessaram a sala. Monsenhor não reparou em nós, ou melhor, não quiz reparar. Engolfou-se n'outro aposento e ahi despediu-se do sr. arcebispo. Depois abriu uma porta. Corremos; com três palavras em francez, o jornalista apresentou-se.

Manobrámos um pouco.

—Parece que a Santa Sé expressou ao clero portuguez o desejo de que ele se não imiscuisse em lutas politicas.—E interrogativamente:—V. Rev.ma já recebeu essa comunicação?

Monsenhor, talvez propositadamente, começou falando portuguez. Mas que portuguez! A nossa lingua participava de mais três: a franceza, a espanhola e a italiana Era dificil compreender. Distintamente, porém, ouvimos:

—Não há nada!

—Mas V. Rev.ma é partidário que os católicos se envolvam em lutas politicas? Que se aproximem das forças conservadoras?

—Acima dos partidos, devem seguir-se as determinações dos bispos... Votar...

—Leu o *Seculo*?

—Li!

Monsenhor Locatelli, compreendemos, estava ao facto do que se dizia. A noticia era verdadeira? Era com certeza. Monsenhor, ainda não a tinha desmentido, apezar de já terem decorrido quarenta e oito horas.

A sua fisionomia fechada, sulcada de rugas; a sua bôca fina, o seu olhar azul, nada indicavam. Nada! Arriscámos:

—Porque se fala na excomunhão aos jornaes monárquicos, que têm atacado o Centro Católico?

—Não sei nada!

Monsenhor Locatelli fez um movimento de impaciencia. A conversa era perigosa. Estendeu-nos a mão.

Ao atravessarmos o portão branco do solar da condessa de Camaride, pensámos:

Monsenhor Locatelli respondeu-nos á nossa primeira interrogação sobre politica, católicos e Santa Sé, com um *não sei nada*; e á segunda, sobre a excomunhão, com um *não sei nada*. Notámos-lhe uma certa diferença, uma «nuance», muito leve, muito fina. E tu, leitor, o que lhe notas?

A. P.

CARVÃO A' DESCARGA

CARDIFF das minas do almirantado "Insol's Cymmer (Merthyr Smokeless")

Portuguese Corporation of Commerce Ltd. Lisboa — Cais do Sodré, 64, 2.º Telefs. C. 5092, 5093, 5094 Londres—56, Ludgate Hill

UMA CARTA DO Sr. Barros Queiroz

O QUE O EX-CHEFE DO GOVERNO ESCREVEU AO SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA

O sr. Barros Queiroz dirigiu anteontem ao sr. presidente da Republica uma carta em que desenvolve o seu programa governativo e lhe expõe as razões porque não poude formar novamente ministerio. Diz que, como base moral para se exigirem sacrificios aos contribuintes, lhe pareceu sempre indispensavel fazer grandes reduções nas despezas publicas.

Reduzir as despezas, crear receitas e aproveitar devidamente as riquezas nacionaes constituiam, a seu vêr, os pontos essenciaes e imediatos da administração publica. Quando em Maio constituiu governo, o sr. Barros Queiroz julgava essa politica util; hoje julga-a uma necessidade absoluta, não só para a nossa politica interna, mas ainda para a nossa politica de relações.

Em volta de algumas das suas propostas de finanças fez-se o silencio; em tôrno d'outras, uma campanha de tendenciosa politica. A redução das despezas era uma necessidade nacional; uma das condições essenciaes para o restabelecimento do nosso crédito financeiro no estrangeiro. Esse crédito é uma condição imprescindivel para obter a baixa do custo da vida.

O sr. Barros Queiroz refere-se, depois, na mesma carta, aos enxovalhos que recebeu e á maior parte da atitude da imprensa, que o agrediu, fazendo insinuações á sua honestidade. Sem ambiente próprio, resolveu provocar a queda do governo fóra do Parlamento para não pôr dificuldades á constituição do novo ministerio. Encarregado novamente de formar ministerio, o sr. Barros Queiroz afirma que o não conseguiu em vitude da situação politica ser infelizmente a mesma que a anterior. O ministerio que posso constituir, dada a minha solidariedade em certos assuntos pendentes, levaria em si o germen que o inutilizaria.

São estes os pontos principaes da carta que o sr. Barros Queiroz enviou ao presidente da Republica.

Na legação de Italia

O sr. Atilio Serra oferece ao sr. Eusebio Leão um almoço de homenagem

O sr. Atilio Serra, ministro da Italia em Lisboa, ofereceu hoje na legação daquele país ao sr. Euzebio Leão, nosso ministro junto do Quirinal, um almoço de homenagem. Assistiram os srs. Jorge Nunes, presidente da Camara dos Deputados; dr. Oliveira Soares, director geral do ministerio dos negocios estrangeiros; dr. Magalhães Lima, Carlos Gomes, Fausto de Figueiredo, Belfort Ramos, conselheiro da embaixada do Brazil; Macedo Soares, secretario da mesma embaixada; Giuseppe Gazzera, conselheiro da legação de Italia, e Ernesto Piccapane, vice-presidente da Camara de Comercio Italiana.

ORDEM PUBLICA

Carece de fundamento o boato que esta manhã correu de estarem acampadas no Parque Eduardo VII várias unidades do exército e da G. N. R., bem como de, para os lados da Graça, se terem disparado alguns tiros.

Aviso "Cinco de Outubro

Deve sair ámanhã para o mar o aviso *Cinco de Outubro*, que se demora oito dias na costa, em viagem de instrução da cadeira de hidrografia, dos alunos que terminaram o curso da Escola Naval.

A CIDADE

AINDA O CASO
Machado Santos

ALGUMAS PALAVRAS DO REDACTOR DO ARTIGO QUE TANTO IRRITOU O SR. ALMIRANTE

Perante o conflito travado entre o director dêste jornal e o sr. almirante Machado Santos, conflito êsse que o sr. dr. Joaquim Manso detalhadamente hoje historia na primeira página do «Diario de Lisboa», o jornalista que redigiu o artigo que tanto molestou a mais mal conservada de quantas figuras nacionais existem no nosso paiz, julga-se na obrigação de apresentar explicações ao publico e assumir, a partir dêste momento em que a intervenção do seu director cessa, todas as responsabilidades.

Assim, não tendo sido sua intenção ofender o sr. Machado Santos, mas, apenas, aproveitar jornalisticamente um caso de que teve conhecimento — e cuja veracidade é garantida — redigiu o tão discutido artigo de forma a evitar o menor melindre daquele politico — no que á sua vida particular respeita, claro, porque todos os seus outros actos são inteiramente discutiveis. Julgamos ter realizado tal intenção, porquanto no artigo apenas se verifica um facto e se apresentam duas hipoteses, não se pronunciando o jornal sobre o assunto, limitando-se a fazer a proposito um pouco de *blague*, o que ainda não constitue crime incluido no Codigo Penal... De resto, bastante nos admirou a atitude do sr. Machado Santos, pois trata-se de um individuo que, devido ao seu passado politico, tem sofrido os maiores vexames através a vida, não se devendo, pois, molestar com facto tão insignificante, para mais que lhe falta autoridade para condenar um gracejo de jornalista, porque, quando director do «Intransigente», bastas vezes atacou na sua reputação e mesmo na sua vida privada, inumeras personalidades, que, por isso, não se julgaram no direito de lhe exigir retratações ridiculas como a que nos quiz impôr e que a todos colocava mal: o sr. almirante Machado Santos, o «Diario de Lisboa» e, por ultimo, o ignorado jornalista que assina estas linhas.

C. Consiglieri Sá Pereira.

Reuniu o conselho de ministros

tendo-se ocupado da declaração ministerial

O conselho de ministros, que esteve reunido até depois das 13 horas, ocupou-se largamente da redacção da declaração ministerial que deve ser lida no parlamento por ocasião da apresentação do governo.

Além-mar

Os serviços telegrafo-postais, o papel selado e as obras publicas de Timor

Foi exonerado de chefe de contabilidade dos serviços telegrafos-postais de Timor o sr. Afonso Camacho Rodrigues.

O encarregado do governo de Timor pede com urgencia papel selado e selos e informa que foi exonerado de condutor de obras publicas o alferes de artilharia sr. Costa Cabral.

O imposto das matrizes em S. Tomé

O governador de S. Tomé informa que mandou rever por varias comissões as matrizes naquela provincia, a fim de se cobrar o devido imposto, e que foi nomeado um ajudante de campo o alferes sr. Americo Gonçalves.

Os vencimentos dos 1.os e 2.os aspirantes da Curadoria

Foram mandados equiparar os vencimentos dos primeiros e segundos aspirantes da Curadoria dos Serviçais e Colonos respectivamente aos dos terceiros oficiais e primeiros aspirantes da Fazenda de S. Tomé.

NO MUNDO FINANCEIRO

OS ADMINISTRADORES DA CAIXA GERAL DE DEPOSITOS NÃO GANHAM 33 CONTOS POR SEMESTRE

UMA PARTICIPAÇÃO NOS LUCROS DE 6.200$00—O DESENVOLVIMENTO DA CAIXA GERAL DE DEPOSITOS E OS LUCROS DO ESTADO — DEPOSITOS NO VALOR DE 227:000 CONTOS — TODOS OS FUNCIONARIOS TÊM UMA PERCENTAGEM SOBRE OS LUCROS

A Caixa Geral de Depósitos é o unico organismo do Estado que, em vez de o sobrecarregar com *deficits* crónicos, constitue uma valiosa fonte de receita. Ora, fazendo parte integrante da psicologia nacional a maledicencia, é muito natural que a C. G. D. e os seus dirigentes, de quando em quando, sejam vitimas de acusações justas ou injustas. Há poucos dias ainda, apareceu em letra redonda uma denuncia em que se arguia os seus seis administradores de haverem recebido, só pelo primeiro semestre do corrente ano, trinta e três contos de réis de participação de lucros, o que dá uma média anual superior ao ordenado do Chefe do Estado. A ser assim, não estava certo. E, no intuito de esclarecer o caso, dirigimo-nos á C. G. D., em busca do sr. dr. Daniel Rodrigues, seu director, para saber o que de verdade havia.

Na sala do conselho, mobilia pesada em talha e veludos sangrentos, um dos administradores recebe-nos. O sr. dr. Daniel Rodrigues foi a despacho ministerial e demora talvez três quartos de hora. Mas como há a necessidade de carrear elementos de interesse para o jornal de hoje, insistimos. Uma entrevista? Porque não? Tratava-se de um dos administradores da C. G. D., pessoa categorizada... Mas a relutancia do nosso interlocutor mantinha-se, permitindo na consulta ao seu director, só se resolvendo a responder ás interrogações que lhe haviamos formulado, perante a nossa insistencia intransigente:

—Eu não li nada, desconheço tudo isso. Mas creia que é uma calunia. Nós recebemos apenas a gratificação que a lei estabelece. Essa participação, no ultimo ano económico, que terminou o mez passado, deu a cada um de nós seis contos e cêrca de duzentos mil réis. Estamos, pois, muito longe dessa exorbitancia de trinta e três contos!... E sabe quando é que voltamos a cobrar a participação? Só para Julho do ano que vem, porque não recebemos por semestre, como para ahi se diz, mas por ano económico.

—Repare que se afirma ser o lugar de administrador pouco fatigante...

—E acredita nisso? Para avaliar o trabalho e a responsabilidade do administração da C. G. D., bastará dizer-lhe que gerimos 227:000 contos e que a comissão administrativa reune todos os dias, levando cada sessão, em média, cinco horas. Realizamos milhares de operações e póde afirmar que tudo quanto no paiz representa uma notavel manifestação de vida e progresso, em parte se deve ao auxilio da C. G. D. A industria das conservas, a pesca do bacalhau, a construção civil, muitas industrias novas e vários serviços dependentes do Estado, estão sendo financiados por este estabelecimento. Por aqui se póde avaliar o numero de processos e operações que a administração precisa diáriamente estudar, e o cuidado com que tem de o fazer, atendendo ás responsabilidades que naturalmente lhe cabem.

O nosso entrevistado, justificada a sua situação e a dos seus colegas, modificou o rumo da sua exposição. Falou-nos da participação do pessoal, dos lucros do Estado:

—O pessoal da C. G. D. está interessado na prosperidade do estabelecimento. A lei fixa-lhe uma percentagem que é distribuida, ainda como a lei prescreve, segundo os méritos e os serviços dos funcionários. O Estado, nos lucros do ultimo ano económico, teve uma participação de 4:000 contos liquidos, isto é, depois de pagas todas as despezas de pessoal, material, expediente, compra e reparação de edificios, mobiliário, etc.

Esboçámos a retirada. Quando, de mão estendida, iamos apresentar as nossas despedidas e agradecimentos ao atencioso administrador da C. G. D., este ainda nos disse:

—Custa a compreender que pareça haver o propósito de prejudicar o unico estabelecimento financeiro do Estado, cujo crédito, como claramente se demonstra pela confiança que o publico nele deposita, devia estar acima de quaesquer interesses mesquinhos.

O NOVO GOVERNO

Tomaram hoje posse os srs. ministros das Colonias e da Justiça

Tomou hoje posse da pasta das Colonias o sr. dr. Ferreira da Rocha, posse que lhe foi conferida pelo seu antecessor, sr. dr. Celestino de Almeida. Assistiram ao acto o sr. presidente do Governo, pessoal do ministerio e grande numero de amigos e correligionarios do novo ministro.

O sr. Ferreira da Rocha, que estava classificado em primeiro lugar no concurso para auditores fiscais, desistiu desse concurso por ter sido nomeado ministro.

O sr. ministro demissionario louva o pessoal do gabinete

O ex-ministro das Colonias sr. dr. Celestino d'Almeida assinou uma portaria louvando pelo zelo, dedicação e inteligencia como desempenhou os seus cargos, o pessoal do seu gabinete composto pelos srs. Soares Branco, Francisco Xavier Monteiro, Julio José da Silva, capitão Melo e D. Isabel de Melo.

A posse do sr. ministro da justiça

O sr. Raul Lelo Portela assumiu hoje, a gerencia da pasta da justiça, cuja posse lhe foi conferida pelo seu antecessor. Assistiu ao acto elevado numero de amigos pessoais e politicos do novo ministro e o chefe do governo, que discursou, fazendo o elogio das altas qualidades de caracter e de inteligencia do sr. Lelo Portela. No mesmo sentido falou o sr. dr. Matos Cid, a quem se seguiu o sr. Godinho do Amaral que, em nome do director geral de justiça fez a apresentação ao ministro do pessoal daquela secretaria, afirmando que poderá contar em absoluto com a sua lial colaboração. Por ultimo usou da palavra o novo titular da pasta da justiça, que agradeceu as referencias que acabavam de lhe ser dirigidas, dizendo contar com a colaboração de todos os funcionarios daquela secretaria.

O sr. Aboim Inglez deve tomar posse no sabado

O ministro da agricultura, sr. Aboim Inglês, deve tomar posse no proximo sabado.

OS TEATROS

NO S. LUIS—«*Colegio de meninas*», novo quadro da revista «*De Capote e lenço*».

A revista de *Capote e lenço*, porventura a mais interessante e graciosa que nos ultimos anos tem sido representada nos nossos palcos, possue desde ontem, como novo atractivo, um espirituoso quadro de comedia que agradou sem reservas e veiu remoçar o trabalho dos srs. Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos.

Trata-se duma *charge* ao conflito das creadas de servir, escrita com um espirito por vezes esfusiante.

Distinguem-se no desempenho do quadro Joaquim Costa, António Gomes, Laura Costa e Emilia Costa.

«Colegio de meninas» alcançará mais uma longa série de representações para a chistosa revista.

Entre nós

O ex-proprietario do teatro da Trindade sr. Serrão Franco vai no proprio edificio fazer leilão de todo o mobiliario ali existente.

—O elenco da companhia Palmira Bastos que, como dissemos, no principio da proxima temporada irá para o teatro do S. João do Porto, é o seguinte:

Palmira Bastos, Elvira Velez, Alda Verdial, Maria Andrade, Rosina Rego, Carlota Sande, Rosa Cerca, Angelita Santos e Elvira Bastos; Carlos Santos, Samwel Diniz, Francisco Judicibus, Casimiro Tristão, João Calazans, Eduardo Matos, Henrique Pereira, Abilio Alves, André Lopes, Peixinha Junior, Carlos Shore, Neves, Acacio de Sá e Emauz Gonçalves.

A direcção artistica está entregue á actriz Palmira Bastos e a direcção de scena ao actor Carlos Santos. Representar-se-hão as seguintes peças novas:

«A rival», «Sobre ruinas», original de Julia Escorcio; «Tosca», dilema, original de Pinto da Rocha; «Mamã Colibri, «Querer», original de Alvaro de Paiva; uma peça de Ernesto de Menezes, «Maison Cernée», para festa de Palmira Bastos, etc.

Para a epoca do Carnaval é provavel que se leve á scena a comedia de Verneiul «Guardado está o bocado...».

—Palmira Bastos deve partir dentro de breves dias para Paris.

—A bordo do «Porto» deve chegar nos proximos dia 8 ou 9 a companhia de opereta Cremilda de Oliveira.

—O sr. Mario Monteiro está trabalhando numa peça para a companhia de Otelo de Carvalho, intitulada, «Musica, mulher e Flores». A' mesma empresa já tambem foi entregue uma revista fantasia' original de dois nossos camaradas na imprensa.

—A actriz Maria Clementina, que ha cêrca de um ano se encontrava enferma, foi ultimamente operada da apendicite, numa casa de saude, estando já completamente restabelecida, reaparecendo no proximo inverno na companhia da actriz Luz Veloso.

Reclames

NACIONAL—A administração encerra hoje a sua temporada, fazendo representar, em ultima recita da moda, a festejada peça "Amor de perdição".

S. LUIS—Foi um dos maiores sucessos, não só artistico como de gargalhada, o novo quadro da revista "Capote e Lenço", "Colegio de meninas", engraçada critica á nova escola das criadas de servir, que ontem subiu á scena neste teatro.

POLITEAMA—Continúa atraindo enorme concorrencia a linda opereta "Amor Perfeito", que é das mais notaveis interpretações da companhia Satanela-Amarante.

AVENIDA — Despede-se hoje a companhia da actriz Palmira Bastos, representando-se em recita unica a famosa tragedia de Marcelino Mesquita, "Pedro, o Cruel".

EDEN—Tendo ontem voltado a assistir á representação da revista do Eden-Teatro "Tic-Tac", encontrámo-la ainda melhor, se é possivel, esfusiante de piadas politicas.

GINASIO—"O Celebre Pina" prossegue hoje a sua carreira, conquistando entusiasticos aplausos e atraindo enormissima concorrencia. O espectaculo de sexta feira é consagrado aos adaptadores.

SALÃO FOZ—Tudo se prepara para que ámanhã vá o poder do mundo ao Salão Foz. Inauguram-se ali os espectaculos populares por sessões, ás 20,30 e 22,30, com a companhia infantil dirigida pela actriz Cremilda Torres. Sobe á scena a revista "O sonho do Manecas", completando o espectaculo varios numeros de variedades.

Espectaculos

S. CARLOS—Fechado.
NACIONAL—A's 21,15—«Amor de Perdição».
S. LUIZ—A's 21,30—«De capote e lenço».
GIMNASIO—A's 21,30—«O celebre Pina».
APOLO—A's 21,30—Não ha espectaculo.
AVENIDA—A's 21,30—«Pedro, o cruel».
POLITEAMA—A's 21,30—«Amor perfeito».
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».
SALÃO FOZ—Fechado.
COLISEU DOS RECREIOS—Fechado.

CHIADO TERRASSE—Fechado.
TEATRO GIL VICENTE (á Graça)—Aos domingos, segundas e quintas-feiras «Depois do degredo!».
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
SALÃO CENTRAL—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALÃO IDEAL—Animatografo.

NOTAS MUNDANAS

Veraneios elegantes

Monte Estoril, 29 de Agosto

Meu caro Carlos.—A noite de ontem no Grande Casino Internacional, onde esta noite se estreia o notavel soprano Maria Gironella, que vem precedida de grande nome, foi, como era de esperar, verdadeiramente encantadora, oferecendo, tanto o salão de festas como os terrassos, aspectos encantadores, para o que muito concorreu o grande numero de senhoras da nossa primeira sociedade, aqui veraneando como em Cascais e Estoris. Na assistencia, comtudo, recorda-me ter visto entre outras as sr.as:

D. Sarah da Mota Vieira Marques, D. Maria Luisa Roque do Pinho de Oliveira Monteiro, D. Flora Fernandes Tomás de Sousa Rodrigues, D. Maria Ana Portocarrero da Camara Mesquita, D. Isaura de Andrade Soares, D. Maria da Conceição Pinto de Morais Sarmento Cohen, D. Maria Rita Correia de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), D. Mariana da Camara Pinto Coelho, D. Tereza da Camara de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), Madame Alvaro Pinheiro Chagas e filha, D. Maria da Gloria Fernandes Braga e filhas D. Mariana e D. Maria da Gloria; D. Mary Andresen de Bregaro, D. Maria de Almeida da Mota Marques, D. Maria das Dores Correia de Sampaio Brandão de Melo, D. Maria Carlota Pimentel Pinto de Romero, D. Rosa Drago Herrera, D. Maria de Macedo e Brito de Romero, D. Adelaide de Almeida da Camara Leme e filha D. Maria Amalia; D. Elisa da Camara Leme de Serpa, D. Maria Henriqueta Garcia da Silva Serra, D. Palmira da Costa e Silva, D. Maria Tereza Correia Ornelas de Matos, D. Maria Julieta da Costa e Silva Neves Ferreira, D. Dayse Pinto de Morais Sarmento Cohen de Bettencourt, D. Maria Marçal Pacheco de Niza, D. Adelaide Barata de Tovar Pereira Coutinho, D. Maria Correia Leite, D. Flavia Correia Leite de Eça Leal, D. Sofia Covachich de Lima, D. Berta Macieira Reis, Madame Aranha, D. Maria Barata de Alpoim da Silva, Madame Carlos Ataide e irmã, D. Maria Antonia Correia de Sampaio, Madame Albert Macieira, D. Isaura Roquete, D. Ester Levy Mendes, Madame Monteiro Torres e filhas, D. Virginia Quaresma, D. Margarida Barata de Alpoim, D. Maria das Dores, D. Maria de Lourdes Magalhães de Barros, «mesdemoiselles» Castro, etc., etc.

Tambem continuam sendo muito concorridos os chás dançantes que ás quintas feiras e domingos se realizam na grande nave central das Termas do Estoril.

Durante a tarde de ontem o aspecto da nave central era o mais belo e encantador, vendo-se ali reunida tudo que de melhor conta a nossa sociedade elegante actualmente em Cascais e Estoris.

Além de animada conversação, houve na grande piscina varios exercicios de natação por equipes de Cascais e Estoris, que despertaram na seleta assistencia, fartos aplausos. Terminados estes numeros dirigiram-se todos para a nave central, onde em pequenas mesas tomaram chá, emquanto as meninas e rapazes dançavam ao som de uma magnifica orquestra.

Tambem ontem se iniciaram, sob a direcção do distinto professor Carlos Gonçalves, as «poules» de espada, que servirão de treino para o grande campeonato internacional, que se realizará em outubro proximo.

Na assistencia anotei as srs.as:

D. Sara da Mota Vieira Marques, D. Leonor de Saldanha Oliveira e Sousa, D. Flora Fernandes Tomaz de Sousa Rodrigues, D. Maria Ana Portocarrero da Camara Mesquita e filhas, D. Rosa Drago Herrera, D. Maria Augusta Forjaz Trigueiros, D. Eugenia Teles da Silva Gonçalves, D. Sofia Buzaglo Abecassis e filhas, D. Halia Correia Leite e filha, D. Sofia de Laxman Ferreira Pinto Basto Mac-Nicoll, D. Cristina Seabra Ferreira Roquete e filha, D. Emilia de Calheiros, D. Leonor de Saldanha Bandeira de Carvalho (Chanceleiros), D. Maria de Macedo e Brito de Romero, D. Maria da Costa Cabral de Macedo e filhas, D. Marta Henriqueta Garcia da Silva Serra, D. Maria Lucena Alves do Rio de Barros e Sá e filhas, D. Maria Luiza Valverde Valejo, madame Avila do Amaral, D. Maria Vanzeler de Roure Roquete, D. Sofia Covachichi de Lima, D. Maria Luixa Bramão Reis Morim, D. Mariana e D. Maria da Gloria Sequeira Fernandes Braga, D. Alice Abreu Loureiro e filhas, D. Maria Emilia de Calheiros, D. Maria Amelia Correia Mendes e irmã, madame Wadington, D. Julia Ferreira Lima Barradas, D. Mariana Rocha Ferreira Raposo Pessoa, D. Julia Andreia da Cunha Freitas, mesdemoiselles Monteiro Torres, Marques da Costa e Fernandes Soares, etc.

Um dos assuntos que está despertando maior interesse no meio mundano é a realização no Parque do Estoril, de Grande Concurso Hipico, o qual se efectuará nos fins do proximo mês de setembro. A comissão organizadora conta já como certa a inscrição dos mais distintos cavaleiros e grande numero de senhoras.

As tardes do Concurso Hipico, no Parque do Estoril, vão ficar memoraveis nos anais mundanos como das mais brilhantes da temporada.

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

D. Maria Domingas de Figueiredo Cabral da Camara (Belmonte), D. Maria Celicia Sauvayra da Camara, D. Maria Helena de Almada de Lencastre Teles da Silva (Tarouca), D. Maria Braamcamp de Mancelos, D. Aldegundes de Mendôça Zileri Dal Verme e D. Mariana de Melo de Sousa Guedes.

E os srs.:

D. José Luis Maria Berquó (Viana), dr. Raul Leal, José Leite Saldanha de Castro, Luis de Menezes de Melo Vaz de Sampaio, Luis Guilherme de Orey, José Maria Duarte da Cruz Caleia e José de Queiroz de Andrade Pinto.

Baptisados

Como ontem noticiámos, realiza-se ámanhã na elegante residencia da sr.a D. Aurora de Macedo, em Sintra, o batisado do seu neto, primeiro filho dos srs. duque de Miranda. A cerimonia religiosa realizar-se ha na capela do palacio, servindo de madrinha a avó materna sr.a D. Aurora de Macedo e de padrinho o avô paterno sr. Caetano de Bragança (Lafões). A gentil criança receberá o nome de D. Lopo.

Casamentos

Na igreja da Pena realizou-se no dia 25 do corrente o casamento da sr.a D. Maria Barata de Alpoim, já falecida e do sr. dr. Crispulo Alpoim, com o sr. José Crillanowich da Silva, filho da sr.a D. Virginia Crillanowich da Silva e do sr. Gregorio da Silva.

Serviram de madrinhas as sr.as D. Adelaide Barata de Tovar de Pereira Coutinho, tia materna da noiva, e a mãe do noivo e de padrinhos os srs. Manuel Barata de Alpoim, irmão da noiva e o pai do noivo.

Finda a cerimonia religiosa, que revestiu um carater muito intimo, devido ao luto recente da familia da noiva, foi servido na residencia do pai da noiva um fino «lunch», seguindo depois os noivos para o noivos para o norte onde foram passar a lua de mel.

No «corbeille» via-se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

Em viagem

Partiu hoje no rapido para o norte, com sua esposa, o sr. Bernardino Camilo Cincinato da Costa.

—Para as suas propriedades em Tomar partiu hoje, o sr. conde de Nova Gôa, com sua interessante sobrinha a sr.a D. Maria da Graça Jardim (Valença) e seu filho D. Vasco Luiz.

—De regresso do estrangeiro, estão já em Cintra, os srs. condes da Cartaxo.

—Para a casa da Beselga, partiram hoje os srs. viscondes de Porto da Cruz.

—A Mangualde regressou da Foz do Douro a sr. viscondessa da Torre do Moncorvo.

—A Leiria regressou o sr. visconde de S. Sebastião.

—Partiu hoje no rapido para a sua casa da Beira o sr. Francisco Cabral Metelo.

—Em Sintra, encontra-se, com suas gentis filhas, a sr.a marquesa de Abrantes.

—Da sua viagem ao norte e á Galiza, regressou a Lisboa, a sr.a D. Maria Antonia de Saldanha Marreca Franco, gentil irmã do distinto clinico sr. dr. Rafael de Saldanha Marreca Franco.

—Na Ericeira encontra-se, de vizita a sua mãe, o nosso amigo sr. José Thompson de Lemos.

—Regressou de S. Martinho do Porto a sr.a D. Inez de Miranda Alçada, esposa do sr. Carlos Alçada.

—Está em Lisboa, vindo do Porto, o sr. João Maria de Azevedo de Castro e Silva.

—Acompanhado de suas interessantes filhas D. Ana, D. Rita e D. Helena, está em Sintra o sr. Frederico Mayer.

—Com sua esposa sr.a D. Mariana José de Melo de Sousa Guedes, partiu de Interlaken, Suissa, para Berne e Paris, o sr. Miguel de Castro de Sousa Guedes, que brevemente regressa a Lisboa.

—Do Bussaco e Curia regressou a Lisboa o sr. Carlos Alberto Garcia de Morais.

—Em Monsão encontra-se o sr. Eugenio de Araujo.

—Da Figueira da Foz regressou a Coimbra o sr. D. Miguel Osorio de Alarcão.

—Das Pedras Salgadas regressou a Celorico o sr. Fernando de Castro da Silva Canedo.

—Partiu para Vidago, com sua esposa, o sr. José Mendes Lira.

—De Entre-os-Rios partiram para o Porto os srs. condes de Resteló.

—Parte no dia 1 de setembro para a Barra, perto de Aveiro, o sr. dr. Vasco de Vasconcelos.

—Para Vilar de Maçada partiu o sr. conselheiro José de Azevedo Castelo Branco.

—Partiu para a Curia, onde se encontra sua esposa sr.a D. Eliza Baptista de Sousa Pedroso e seu filho Manuel, o sr. dr. Alberto Pedroso.

—Está em Santarem o sr. Elias Rafael Seruya.

—Partiu de Torres Novas para a Figueira da Foz o sr. Casimiro Bénard.

O MELHOR VINHO DE MESA, ESTOMACAL, DIGESTIVO, APERITIVO

que revigora e conserva a saude é o vinho

COLARES

VIUVA GOMES

que se vende em todas as boas casas

Deposito geral:

COMPANHIA DE VINHOS E AZEITES DE PORTUGAL

R. NOVA DA TRINDADE, 50

TELEFONE C. 1644

LECTRICIDADE PORTATIL

Luzes de bolso!!!

Lapadas de algibeira, bastões, tarches, lanternas para trazer na mão, pilhas, baterias.

EFEITO SURPREENDENTE!

Descontos aos revendedores

Remete-se para a provincia

CASA TRIUNFO

R. Augusta, 72, 7

LISBOA

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

FUNDADA EM 1907

Capital UM MILHÃO DE ESCUDOS

BANQUBIROS:

BORGES & IRMÃO

Efectua seguros contra incendio e riscos de mar, roubo, postais, cristais, greves e tumultos, comoções politicas e populares, guerra civil, ACIDENTES NO TRABALHO e SOBRE A VIDA HUMANA.

Sede: Rua do Alecrim, 10---LISBOA

Delegação no Porto:

Rua Sá da Bandeira, 5, 1.º

LABORATORIOS DE FARMACIA

INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA

Dores

Dores de cabeça

Dores nevralgicas

Dores rheumaticas

etc., etc.

Curam-se em curtos momentos com

QUINOPYRINA

Sem perturbação para o coração, nem fadiga para o estomago ou rins

Farmacias LISBOA—R. Nova do Almada, 88 PORTO—R. dos Clerigos, 36

"DIARIO DE LISBOA"

Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril.

Algarvia, L.da

Importadores e Exportadores

OLHÃO

Banco Português do Brasil

De acordo com o estabelecido no art.º 4.º § 2.º dos nossos Estatutos, são convidados os srs. accionistas deste Banco, possuidores de acções com 10 % realizados, a entrar, dentro do praso de 15 dias a contar de 1 de Setembro proximo vindouro, com mais 10 % de capital.

Chama-se a atenção dos srs. accionistas para o determinado no art.º 10.º e seus paragrafos.

As cautelas representativas de acções deverão ser apresentadas aos nossos agentes no acto do pagamento, a fim de nos serem as mesmas remetidas para o respectivo averbamento.

Banco Português do Brasil

RIO DE JANEIRO

Agentes em Portugal:

Pinto & Sotto Mayor

Termas das Caldas de Canavezes

(A 2 quilometros da estação da Livração, Caldas de Canavezes, na linha do Douro)

CONDUÇAO ÁS TERMAS EM AUTOMOVEIS

As mais ricas da peninsula em arsenio e as unicas aguas sulfurosas arsenicais do país para tratamento das doenças de pele, bronquites, laringites, sifilis, reumatismo, gôta, etc.

ABERTO DE 1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO

Inhalações, pulverizações, douches nasais, irrigações e fricções—Banhos de imersão e douches—Grande Hotel—Parque, casino, mata e passeios no rio—Excelente de vistas deslumbrantes—Iluminação electrica—TRATAMENTO—DESCANÇO—TURISMO.

Endereço telegrafico — CALVEZES-MARCO

Escritorios: Nas termas. Em Lisboa — R. de S. Nicolau, 88, 2.º

NO ESTRANGEIRO

UMA ESTATISTICA CURIOSA

O CUSTO DA VIDA NA SUISSA

O AUMENTO GERAL FOI DE 1912 A 1921 DE 85,4 A 93,3 POR CENTO

Uma familia de cinco pessoas gastava 29:190 francos anuais em 1912; hoje gasta 55:817

BERNE, 31

A secretaria das associações patronais da Suissa acaba de concluir uma informação sobre o custo da vida na Suissa. Da dita informação depreende-se que desde o dia 1 de junho de 1912 a 1 de julho de 1921, o aumento geral no custo da vida foi de 84,4 a 93,3 por cento.

Uma familia de cinco pessoas, dois adultos e três creanças menores de dez anos, gastavam em média 29.190 francos anualmente em 1912; hoje, gasta 55.817 francos. Em 1 de outubro de 1920 registou-se o ponto culminante da carestia da vida. Desde esta data, os preços baixaram em 15 por cento.

NA CHINA

Prepara-se um movimento monarquico?

PEKIN, 31

Uma nova seita religiosa, com o nome de «Adoradores das oito fadas», pretende restabelecer a monarquia e colocar no trono o pequeno imperador Hsuan Tang, de quinze anos de idade.—(U. P.)

DE MADRID

La Cierva dá conta a Afonso XIII da viagem a Melilla

MADRID, 31.

O sr. Lacierva esteve no palacio comunicando ao rei as impressões que colheu em Melilla, dizendo-se muito satisfeito com o estado de espirito das tropas e o patriotismo demonstrado por toda a população. Acrescentou que, em seu entender, tudo ia bem, precisando-se apenas completar os elementos necessarios para que a nossa acção seja eficaz. — (R.).

Continuam partindo tropas para Marrocos

MADRID, 31.

Marcharam de Valencia para Larache os batalhões de Mallorca e de Aragon. A Cadiz chegou o batalhão de Leon, que teve uma recepção grandiosa, embarcando imediatamente. O porto estava cheio duma grande multidão que vitoriava o exército, estando presentes as autoridades e algumas bandas de musica. — (R.).

SOMBRINHAS DE FANTASIA LEQUES **76** BENGALAS DE MALACA VENTARINAS
RUA NOVA DO ALMADA

O TRATADO DE BERLIM

A AMERICA DO NORTE PRETENDE AFASTAR-SE DAS QUESTÕES PARTICULARES DA EUROPA

OS JORNAIS BERLINENSES DIZEM QUE SE O TRATADO ENTRE A ALEMANHA E OS ESTADOS UNIDOS FOR FIRMADO NO "REICHSTAG" E' O MESMO QUE RECONHECER OFICIALMENTE QUE A ALEMANHA FOI A CAUSADORA DA GUERRA

A America acaba de firmar á face do direito a paz com a Alemanha, que até agora fora apenas uma situação de facto.

Não foi pela ratificação do tratado de Versailles mas por um tratado particular que este acto importantissimo se realizou; e de outra forma não podia suceder desde que o Senado adotára a moção Porter-Knox.

Pelo tratado de Berlim a America reserva-se o direito a todas as regalias e concessões que lhe eram destinadas pelo tratado de Versailles; e põe de lado todas as questões que dizem exclusivamente respeito á Europa, como delimitação de fronteiras, Alta Silesia, Oriente, etc.

O tratado foi recebido pelos criticas mais diferentes; um facto porém é reconhecido unanimemente: constata-se que a America não quere intrometer-se nas questiunculas da Europa e quere finalmente libertar-se das peias e dos cuidados que elas têm causado para seguir a trajectoria do seu destino. E' justo.

O *Temps* diz que finalmente a França compreende, que tendo partido de uma união quasi mundial se encontra, ao cabo de poucos anos, num quasi isolamento; depois de ter contado com o auxilio anglo americano para defesa da sua fronteira de este vê o desaparecer.

Não parece que o *Temps* tenha uma razão completa ao fazer este comentario; pelo que diz respeito á Inglaterra já por varias vezes temos frizado que os sentimentos desta se inclinarão para onde mais longe lhe sorrirem os interesses; é Lloyd George quem o diz duramente.

Quanto á America, porém, não ha motivo nenhum para crêr que o auxilio, sem pensamento reservado, que ela trouxe á França, se não repita no dia em que fôr necessario. Caso é que a França tenha razão.

O facto de a America assinar um tratado em separado com a Alemanha é uma garantia da sua isenção; a distancia deve permitir apreciar o conjunto das questões sem se deixar iludir por detalhes sem importancia.

A America trouxe auxilio ao direito, que corria perigo de ser vencido pela força; é razão para que a America continue seguindo o ponto de vista francês como se formasse com ela uma unica nação?

A Alemanha foi vencida; paga as contribuições que lhe são impostas; que motivo ha para que a America não faça com ela — mantidas aquelas condições — uma paz conforme fôr mais conveniente a ambas?

Duas razões orientaram a America: uma, a de não querer intrometer-se nas questões particulares dos Estados europeus e de conservar a sua liberdade de acção e de pensamento; outra, a de começar activamente a desentulhar os seus depositos, repletos por causa da falta de trocas e do preço elevadissimo do dollar.

A realização da primeira vê-se no proprio enunciado; quanto á segunda, todos compreendem que, com a reatação de relações diplomaticas, serão regularizadas e activadas as transacções comerciais dos dois paizes e o marco ha-de forçosamente alcançar um valor muito mais favoravel, o que, dada a importancia industrial e comercial dos dois paizes, será de grande interesse para ambos e mesmo para a Europa. E' a iniciação da verdadeira regularidade comercial.

Não haja, porém, ilusões: a responsabilidade e a obrigação de pagar são atribuidas aos alemães pela adopção de todas as clausulas de reparações. Os jornais de Berlim constatam-no e dizem que firmar o tratado no Reichstag é reconhecer oficialmente que a Alemanha foi a causadora da guerra e que todas as responsabilidades lhe cabem.

DE LONDRES

Um "record" da aviação

LONDRES, 31.

Um monoplano pilotado pelo comandante Davies Mc. Cullouch da marinha americana e conduzindo três passageiros alcançou a altura de vinte mil pés no espaço de quarenta e oito minutos, batendo assim o «récord». O frio excessivo impediu os passageiros, que tinham fato de verão, de subir a maior altura. — (U. P.).

Assalto e roubo

LONDRES, 31.

A policia tem continuado nas suas diligencias para descobrir o individuo que assaltou e roubou o sr. Freeman. O assaltante, que vinha mascarado e montado numa bicicleta de corrida com aros amarelos e armado de revolver, fugiu na direcção de Birkenhead. — (U. P.).

A luta greco-turca

LONDRES, 31.

Não há noticias precisas sobre o actual estado da luta greco-turca, mas parece que os gregos estão absolutamente detidos na sua ofensiva nas defesas turcas em Sakaria. — (U. P.).

O conflito irlandês

LONDRES, 31.

Em Dublin não se encara a situação com muito pessimismo, supondo-se que o «Dail Eirean» pretende apenas protelar as negociações de maneira a poder chegar a um acôrdo que lhe dê as maximas vantagens. — (U. P.).

Clemenceau visitará a Australia

LONDRES, 31.

O sr. Clemenceau foi convidado pelo sr. Hughes a visitar a Australia como hospede da nação. O sr. Clemenceau agradeceu muito sensibilizado êste convite, mas declarou não o poder aceitar devido á sua avançada idade. — (U. P.).

Morte do capelão de Jorge V

LONDRES, 31.

Faleceu o capelão do rei Jorge V. A sua morte foi muito sentida. O rei tinha pelo ilustre sacerdote uma grande amisade. — (R.).

HAVERÁ UMA REVOLUÇÃO?

A VOLTA DA MORTE DE ESTZBERG

O GOVERNO MANDA SUSPENDER OS JORNAIS HOSTIS AO REGIME

Dar-se há um movimento socialista contra os monarquicos que pretendem derrubar a Republica?

LONDRES, 31

Ha grande agitação na Alemanha por motivo da morte de Ertzberg. Receia-se um grave movimento socialista contra os monarquicos que pretendem derrubar a republica. A situação está tão grave que o governo suspendeu os jornais desafectos á Republica e proibiu reuniões não republicanas. Os socialistas estão tratando de se unir fortemente para se prepararem contra qualquer eventualidade, contando com o apoio dum grande numero de sindicalistas. — (R.)

O direito de Erbert sobre os agitadores nacionalistas

PARIS, 31.

O decreto do presidente Erbert decretando castigos contra os agitadores nacionalistas foi submetido á aprovação do Conselho do Imperio. O ministro do Interior da Prussia tomará imediatamente as medidas necessarias para a sua execução. — (R.).

Uma declaração das "Trade-Unions"

BERLIM, 31.

As «Trade Unions» declararam-se contra qualquer movimento revolucionario, estando dispostas a empregar todos os seus esforços para o impedir. — (R.).

NOS ESTADOS UNIDOS

A questão dos desempregados

WASHINGTON, 31

O presidente Harding decidiu convocar para setembro uma conferencia de representantes de todo o paiz para estudar a grave questão dos desempregados.—(U. P.)

SOCIEDADE DAS NAÇÕES

Tribunal de Justiça Internacional

PARIS, 31.

O secretariado da Sociedade das Nações comunica que até agora vinte e sete nações ratificaram o projecto do estabelecimento de um tribunal de justiça internacional. A assembleia geral da Sociedade das Nações poderá, portanto, decidir definitivamente que seja criado êste organismo, que poderia começar a funcionar em 1922. Mais três estados devem tambem ratificar êste projecto de modo que êle será apoiado por trinta estados. — (R.).

O dirigivel Z. R. 2

LONDRES, 31.

O corpo do comodoro da aviação Maitland foi encontrado depois do desastre sucedido ao dirigivel « Z. R. 2». O seu cadaver estava na cabine do comando, segurando nas mãos os guiadores.—(R.).

A TARDE PARLAMENTAR

O SR. DR. ANTONIO GRANJO LEU HOJE, NA CAMARA DOS DEPUTADOS, A DECLARAÇÃO MINISTERIAL

A morte de Paulo Barreto—O deputado Afonso de Melo dá ao governo o apoio do Partido Liberal—O sr. Carvalho da Silva profectisa ao novo ministerio dois meses de vida—Alguns pontos da declaração ministerial—O sr. Antonio Maria da Silva diz que a solução da crise foi "absolutamente extravagante"—O sr. Vasco Borges volta a falar nos 50 milhões de "dolars"

Hoje é que a maioria não pode deixar de fornecer numero suficiente, uma vez que o governo tem de se apresentar ao Parlamento. Mas, se houver algum descuido por bando dos liberais, se êstes não comparecerem a tempo e a horas, as minorias consignarão o seu protesto, não deixando funcionar a Camara sem «quorum».

Por virtude do actual governo ter saido do mesmo lado da Camara a que pertencia o gabinete Barros Queiroz, mas ainda porque alguns dos antigos ministros ficaram, subsistem quase todas as notas de interpelação enviadas para a mesa antes da ultima crise.

Segundo o que já hoje temos ouvido, na apresentação do novo governo não falarão só os «leaders». Haverá, pelo que se diz, larga discursata de algumas horas.

Os deputados monarquicos renovarão perante o actual ministerio as reclamações já por êles formuladas ao governo Barros Queiroz.

A's 13 horas estão na sala aqueles srs. deputados, que, segundo o sr. Ramos da Costa, tambem presente, formam o grupo dos madrugadores, — ou sejam os srs. Pedrosa, Costa Amorim, Plinio Silva, Almeida Ribeiro, Afonso Maldonado, Afonso de Melo, Ferreira de Mira, José de Vilhena e Silvestre Falcão.

Do grupo, faltam os srs. Fernando Brederode e Manuel Maria Coelho, que não se fazem esperar muito.

* * *

A's 13,5, o sr. João Luiz Ricardo assume a presidencia, porque o sr. Jorge Nunes está almoçando na legação de Itália.

Faz-se então a chamada, a que respondem cêrca de 20 deputados.

* * *

A' questão da ordem publica vae ser um dos assuntos ventilados pelas minorias, tencionando diversos oradores provocar largas explicações do governo ácêrca da recente tentativa revolucionária.

* * *

O sr. António Luiz Gomes, já hoje veiu á Camara. Conforme dissémos, aquele deputado estava de licença, que terminou ontem. Não se confirma, pois, a noticia que veiu a lume, dizendo que o sr. António Luiz Gomes estava desgostoso com a marcha dos trabalhos parlamentares. Se estava, não o disse a ninguem.

* * *

A's 13,40 estão presentes 45 deputados. Faltam 10 minutos para se proceder á segunda chamada. Haverá numero para continuar a sessão? O governo terá de adiar para amanhã a sua apresentação ás Camaras? Alguns deputados da maioria alargam-se em considerações sobre um assunto de pouca monta, á espera de que haja numero para abrir a sessão.

* * *

A comissão administrativa do celeiro municipal de Portalegre desviou 300 contos do seu cofre para a compra de géneros. O sr. Almeida Ribeiro pediu documentos, a fim de aclarar as responsabilidades da referida comissão. Sobre o assunto falam vários deputados, que se perdem num labirinto de considerações bizantinas, sempre á espera de numero para abrir a sessão.

* * *

O sr. Monteiro Guimarães fala ainda sobre celeiros municipaes, referindo-se a um aparte do sr. Carvalho da Silva.

O sr. Carvalho da Silva:—Peço a palavra para invocar o regimento.

Continua o sr. Monteiro Guimarães no uso e abuso da palavra.

O sr. Carvalho da Silva:—Se a minoria monárquica quizesse invocar o regimento, não havia sessão e o governo não se apresentava hoje ás Camaras.

O sr. presidente:—A sessão está funcionando legalmente. Estão presentes 55 deputados.

Tinha acabado de entrar o sr. Sousa da Camara, ministro cessante da Agricultura, que completou o «quorum».

O sr. Carvalho da Silva estava na disposição de mandar para a meza uma propost pedindo a imediata convocação do Congresso para a eleição do conselho parlamentar. O sr. presidente explica que a meza da Camara dos Deputados já tomou essa iniciativa e o sr. Carvalho da Silva retira a sua proposta.

* * *

A Camara resolveu, por unanimidade, que se lançasse na acta um voto de profundo sentimento pela morte de Paulo Barreto.

* * *

A's 14,40 entra-se na primeira parte da ordem do dia. A requerimento do sr. Belchior de Figueiredo, entra-se na discussão das emendas, que vieram do Senado, á proposta dos duodécimos. O sr. Pedro Pita, mais uma vez, entende que não deve ser aumentado o imposto do sêlo, pelas graves consequencias que d'ahi resultam. O sr. Pedro Pita deve saber, porque é conservador do registo predial.

* * *

A's 15, já se encontram nos Passos Perdidos dois ministros: os srs. Fernandes Costa e Ginestal Machado. Uma pasta pousa sobre a bancada azul. O sr. Fernandes Costa entra na sala, tira um documento da sua pasta, e conversa durante algum tempo com o sr. Ernesto Navarro.

* * *

Pouco depois das 15 entra nos Passos Perdidos o chefe do governo, acompanhado de quási todo o ministerio. Predomina o «frack» entre a indumentaria governamental. Há cumprimentos afectuosos. O sr. ministro da Guerra vem fardado, com o seu ar de modestia e o peito constelado de medalhas. O sr. Raul Portela é o unico colete branco do ministerio.

O sr. Julio Dantas atravessa rápidamente os Passos Perdidos. Vai para o Senado e aproveita o ensejo para dar um abraço no sr. Melo Barreto.

* * *

Antes de entrar na sala, o sr. António Granjo conversa algum tempo, nos Passos Perdidos, com o sr. António Maria da Silva.

* * *

A's 16,45, depois de terem falado vários oradores, foi aprovada a proposta dos duodécimos com as emendas do Senado.

* * *

A's 16,50 entra na sala o governo. O sr. presidente do ministerio pede a palavra e lê em seguida a declaração ministerial. Os deputados vão seguindo a leitura pelos exemplares impressos, que foram distribuidos. Os srs. dr. Matos Cid e general Abel Hipólito lêem com muita atenção a declaração ministerial. O chefe do governo termina a leitura. Ouvem-se alguns apoiados.

* * *

O sr. Ferreira da Rocha acompanha o governo e ocupa o seu «fauteuil» ministerial. Afinal sempre aceitou a pasta das Colónias.

* * *

O sr. Aboim Inglez, que é o novo ministro da Agricultura, não se apresentou ainda hoje á Camara.

* * *

O primeiro deputado a usar da palavra foi o sr. Afonso de Melo, que deu ao governo o apoio do Partido Liberal, fazendo, em rápidas palavras, o elogio de cada ministro. Quando terminou, ouviram-se alguns apoiados da maioria.

* * *

A's 17,5 está no uso da palavra o sr. Carvalho da Silva, que cumprimenta o governo, apesar de adversário politico intransigente. Espera que o governo explique ao Parlamento as razões porque se demitiu o sr. Barros Queiroz, e profetisa, para o novo governo, uma vida de dois meses. O sr. Carvalho da Silva faz algumas preguntas concretas ao governo sobre a discussão do regime cerealifero, se o governo pensa em aumentar a circulação fiduciária, etc.

* * *

A' tarde nos Passos Perdidos falámos com o sr. Agatão Lança. O ilustre oficial de marinha declarou-nos, a proposito do dialogo travado entre ele e o chefe do distrito, dialogo que ontem reproduzimos de forma incompleta, que não tem nada, absolutamente nada, com o malogrado movimento revolucionario.

* * *

Foi recebido um telegrama de Angola dando como absolutamente certa a eleição do sr. Cunha Lial como deputado por aquela colonia. O sr. Cunha Lial tomará ainda hoje posse do seu «fauteuil» de parlamentar.

* * *

A's 16,20 começa a falar o sr. Antonio Maria da Silva. A direita desloca-se para ouvir melhor o *leader* do partido democratico. O sr. Antonio Maria da Silva afirma que a solução da crise foi absolutamente estravagante. Ha um grande silencio na camara. Ouve-se apenas a voz exaltada do sr. Antonio Maria da Silva. A's 16,15 continúa ainda no uso da palavra o orador.

* * *

Fazendo a historia da autorização parlamentar para legislar sobre cambios, o sr. Antonio M. da Silva diz:

—Houve um *frisson* na praça. Uns recearam não poder ganhar mais e outros que se lhe aproximasse tanto o prato da bôca que se estragasse a sopa.

Ouvem-se alguns apoiados durante o discurso do sr. Antonio Maria da Silva. O *leader* democratico marcará a oposição do seu partido ao governo.

* * *

A's 16 e 55 é dada a palavra ao sr. Vasco Borges, que fala em nome dos dissidentes democraticos. Aprecia a queda do sr. Barros Queiroz. Tem esta frase:

—Não foi uma crise, foi uma congestão.

Refere-se ainda á excessiva intromissão da finança na politica.

Outra frase:

—O governo tem de se acautelar ao passar pela ante-camara da rua dos Capelistas, porque pode escorregar!

Outra frase:

—E' preciso que todos aqueles que amam a Republica se unam para dar batalha a êsses judeus, a êsses vendilhões, que se acobertam á sua sombra e que querem desviá-la do caminho vitorioso de Cinco de Outubro.

O sr. Vasco Borges volta a pedir explicações sobre o contracto dos 50 milhões de dolares.

* * *

Damos a seguir os principaes pontos da declaração ministerial, que o chefe do governo leu á Camara:

«*Sr. Presidente*:—O Governo que se apresenta ao Parlamento, embora representando um partido, propõe-se realizar uma politica nacional, dando satisfação, particularmente, ás exigencias da opinião publica no que diz respeito á redução das despezas, á extinção do «deficit» orçamental, á defeza da ordem republicana e ao aproveitamento dos recursos nacionaes.

Como o Governo anterior, o actual Governo é dominado pelo propósito de moralizar a administração publica, no sentido de reduzir os serviços e os quadros do funcionalismo aos elementos absolutamente indispensaveis e fazer todas as economias possiveis, a fim de se revestir da conveniente autoridade para exigir de todos os sacrificios necessários á normalização das finanças publicas.

Ainda, como o Governo anterior, o actual Governo está no propósito de fomentar as exportações por todos os meios certo de que não nos é permitido um minuto de demora no caminho que devemos seguir para o equilibrio da nossa balança económica».

.....

«Uzando da autorização que ultimamente foi votada no Congresso, o Governo, sem prejudicar o exercicio da industria bancária, pois que todas as medidas restritivas estão, até por experiencias anteriores, condenadas, procurará manter os bancos na esfera das operações que não tenham um fim meramente especulativo e diminuir as circunstancias favoraveis ao desenvolvimento de estabelecimentos sem base segura de capital e de crédito, sem condições de equilibrio e sem probabilidades de prosperidade.

O Governo defenderá a pureza do regime, tanto em materia de administração publica como na defeza, a mais intransigente, de todas as leis que representam uma definitiva conquista da democracia.

O Governo garantirá a todos os portuguezes o livre exercicio de todos os seus direitos— e a nossa Constituição é uma das mais democráticas do mundo—mas não consentirá que, sob o pretexto do uso duma liberdade que nós e os nossos maiores implantámos á custa de tantos sacrificios, se pretenda estrangular a mesma liberdade.»

.....

«E' pensamento do actual Governo levar o paiz ás suas condições normaes em todos os ramos da sua actividade. O Governo afirma, por isso, a sua resolução de acabar com todas as restrições e todos os obstáculos ao desenvolvimento da industria, do comercio e da lavoura.

As circunstancias actuaes parecem ao Governo favoraveis á reorganização de toda a força armada, ainda ressentida da improvisação da Grande Guerra, na qual os nossos soldados marcaram um dos mais brilhantes lugares para a consecução do triunfo da Justiça e da Liberdade dos povos.

Aproxima-se, segundo indicadores que parecem seguros, uma grave crise de trabalho. O Governo necessita, por isso, que o Parlamento, nesta mesma sessão extraordinária, aprove as propostas que estão pendentes e que dizem respeito ás estradas, aos caminhos de ferro e aos portos.

Na nossa vida de relações, o Governo prosseguirá a politica da aliança com a Inglaterra, cimentada por tantos seculos de lutas e interesses comuns, e ainda ultimamente selados nos campos de batalha da Flandres com o sangue precioso dos filhos de uma e outra gloriosas Nações. Entende o Governo que deve promover uma cada vez mais amizade com a nossa vizinha Espanha, a qual nos tem dado provas da melhor cordealidade e á qual o povo portuguez deseja os dias mais prósperos e gloriosos.

Tambem o governo manterá afectuosamente as relações do nosso paiz com a florescente Republica do Brazil, nossa irmã, a que nos ligam os nossos mais caros interesses materiaes e de sentimento, preparando-nos para tomar uma parte condigna na exposição do Rio de Janeiro, por ocasião das festas do centenário da sua independencia, nas quaes teremos a honra de ser pessoalmente representados pelo venerando Chefe do Estado.»

A declaração termina, dizendo que o governo confia cada vez mais no rápido desenvolvimento do nosso dominio colonial.

NO SENADO

E' apresentado um projecto de lei que que tende a abrir uma nova epoca de exames aos alunos da Escola Naval

Preside o sr. Augusto Barreto, secretariado pelos srs. Pereira Osorio e Ramos Pereira.

Acta aprovada por 31 senadores; expediente sem importancia.

O sr. presidente comunica á Camara que se encontra nos *Passos Perdidos* o novo senador sr. Augusto de Castro, ilustre director do *Diario de Noticias*, eleito legislador pela cidade de Aveiro; e convida os srs. Herculano Galhardo (democratico) e Alfredo Portugal (liberal), a introduzirem no hemiciclo s. ex.ª

O sr. Augusto de Castro dá, então, entrada na sala e, depois de apresentar os seus cumprimentos á mesa, vai ocupar o seu «fauteuil» no sector destinado aos democraticos, embora s. ex.ª venha ao Parlamento pela influencia dos regionalistas. O novo parlamentar é cumprimentado por todos os lados da camara.

O sr. José Maria Pereira requer urgencia e dispensa do regimento para a imediata discussão do projecto de lei que tende a abrir uma nova epoca de exames, em Outubro, aos alunos da Escola Naval. Depois pronunciaram-se os srs. José Maria Pereira, Julio Dantas, Julio Ribeiro e Ernesto Navarro, que combate energicamente o diploma.